



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE GEOGRAFIA

**MIGRAÇÃO SOB O OLHAR DO MIGRANTE: HISTÓRIAS CRUZADAS
ENTRE BLUMENAU E ÍNGÁ**

ROMÁRIO DE OLIVEIRA CASTRO

CAMPINA GRANDE- PB

2022

ROMÁRIO DE OLIVEIRA CASTRO

**MIGRAÇÃO SOB O OLHAR DO MIGRANTE: HISTÓRIAS CRUZADAS
ENTRE BLUMENAU E ÍNGÁ**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. THIAGO ROMEU DE SOUZA

CAMPINA GRANDE- PB

2022

|

ROMÁRIO DE OLIVEIRA CASTRO

**MIGRAÇÃO SOB O OLHAR DO MIGRANTE: HISTÓRIAS CRUZADAS
ENTRE BLUMENAU E ÍNGÁ**

Aprovada em: 08/04/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Romeu de Souza - UFCG (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho - UFCG (Avaliador interno)

Prof. Davidson Matheus Félix Pereira - UNICAMP (Avaliador externo)

*Dedico esta monografia a todos
que um dia deixaram seu lar
em busca de melhores
oportunidades.*

AGRADECIMENTOS

Quero primeiro agradecer ao meu orientador, pois sem sua dedicação esse trabalho jamais teria ganhado a luz do dia e a minha família, em especial aos meus avós Maria Beatriz e Genar Alves de Oliveira, vocês são meus heróis.

Não poderia também de deixar de agradecer a Joyce por um dia ter acreditado e me incentivado a continuar a caminhada, mesmo que nossos caminhos se distanciem sempre terá de mim a gratidão eterna.

Ao grupo Lepolitec por me apresenta as outras geografias que por vezes não enxergamos.

Quero agradecer aos Ingaenses que residem em Santa Catarina, em especial em Blumenau, obrigado por terem me acolhido e aberto suas histórias de vida e superação.

Quero agradecer por fim aos meus amigos/irmãos/amores que construí ao longo do curso, obrigado por me perdoarem em muitos momentos e por me aceitarem do jeito que sempre fui, imperfeito, nesses quase 5 anos de curso comíamos juntos, estudávamos juntos, deixávamos de comer juntos, então John Evaristo, Fagner, Anselmo, Alisson, Alana, Isaac, Adriandson, Erica sueli, Érica Xavier, Ícaro, Joandson, Julierme, Gustavo, Rayane e Maria Aparecida que essa geografia que um dia nos juntou, continue a nos proporcionar mais encontros, desejo a todos meu muito obrigado e que nunca percam esse espírito que um dia eu tive a oportunidade de conhecer.

LISTA DE SIGLAS

CAGED: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PB: Paraíba

SC: Santa Catarina

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o migrante ingaense no seu processo de mudança para o Estado de Santa Catarina, tendo como foco principal a cidade de Blumenau e adjacências. Buscando identificar os elementos motivadores para o sua escolha em migrar, sua ação espacial transformadora no lugar de chegada e mostrar que o peso simbólico do lugar de origem influencia na possibilidade de um retorno. De início destaco os motivos que levaram os sujeitos da pesquisa a optarem por deixar seu território de origem e buscar melhores condições de vida, para tanto abordo conceitos de território, territorialização e territorialidade, além de minhas vivências enquanto pesquisador-participante desse processo migratório. Seguindo com a pesquisa busco identificar a rede migratória compreendendo seus aspectos positivos e negativos, abordo também os espaços que possibilitam a identidade do migrante, espaços esses de dominação e apropriação dos mesmos. Para tal objetivo a metodologia utilizada respalda-se na abordagem qualitativa, sendo amplamente utilizado o procedimento da observação participante, que no meu atual momento da vida, é condição obrigatória. Por fim destaco a importância da rede migratória para os migrantes, a precarização do trabalho e situações de preconceito identificados no cotidiano.

Palavras-chave: Território, Territorialização, Rede migratória, Identidade

RESUME

This research aims to investigate the migrant from Inga in his process of moving to the State of Santa Catarina, having as main focus the city of Blumenau and surroundings. Seeking to identify the motivating elements for their choice to migrate, their transforming spatial action in the place of arrival and to show that the symbolic weight of the place of origin influences the possibility of a return. At the beginning, I highlight the reasons that led the research subjects to choose to leave their territory of origin and seek better living conditions. Continuing with the research, I seek to identify the migratory network, understanding its positive and negative aspects, I also approach the spaces that make possible the migrant's identity, spaces of domination and appropriation of the same. For this purpose, the methodology used is based on the qualitative approach, with the participant observation procedure being widely used, which in my current moment of life, is a mandatory condition. Finally, I highlight the importance of the migratory network for migrants, the precariousness of work and situations of prejudice identified in everyday life.

Keywords: Territory, Territorialization, Migration network, Identity

SUMÁRIO

Introdução	p.11
Capítulo 1 – O VIVER NO MOVIMENTO.....	p.14
1.1 -O MOTIVO DA PARTIDA.....	p.14
1.2 -A TERRITORIALIDADE DO INGAENSE EM BLUMENAU.....	p.16
Capítulo 2 – A TRAJETORIA DO MIGRANTE E A REDE DE MIGRAÇÃO..	p.20
2.1 – APROPRIAÇÃO E IDENTIDADE.....	p.24
Considerações finais.....	p.27
Referências bibliográficas.....	p.28

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo central relatar e refletir sobre minhas inquietações em relação à minha cidade natal, Ingá-PB, levando em consideração as vivências nesta cidade e minha identidade enquanto sujeito no mundo.

Baseado nesse pertencimento que construí ao longo de minha trajetória busco compreender os motivos que levaram e ainda levam alguns amigos, irmãos e cidadãos a deixarem o município em busca de melhores condições de vida na cidade de Blumenau e adjacências, do Estado de Santa Catarina.

Busco também compreender como ocorre o processo de territorialização neste novo lugar, todas as circunstâncias que os levam a escolha de Blumenau como primeira opção, sua adaptação social, impactos encontrados nesse território, além de compreender as condições econômicas e sociais destes indivíduos na sua cidade de origem, sua atual situação no território de imigração, seus locais de fixação e os sujeitos que compõem as redes migratórias que favorecem esse deslocamento.

Este trabalho torna-se ainda mais especial para mim pois, não sou alheio a realidade da minha cidade, migrei para a cidade de Blumenau no 03 de dezembro de 2021, coloquei-me na realidade destes migrantes que serão apresentados ao longo das páginas que se seguem, vi e tenho vivido de perto um pouco de seus cotidianos, enxergando diversas realidades comuns aos migrantes uma vez que agora me encontro nesta condição também.

E enquanto geógrafo em formação é importante identificar o território e algumas de suas especificidades como palco maior de relações entre povos, numa perspectiva geográfica este é um espaço que vivem sujeitos específicos onde constroem relações diversas, relações que são definidas a partir do poder (SOUZA, 1995).

A problemática dessa minha inquietude partiu da grande questão de como está sendo estruturada a rede migratória entre Ingá e Blumenau, e quais são os sujeitos que atuam nela. Compreender o conceito de território e territorialização é fundamental, pois as atividades capitalistas que dominam todo o planeta organizam e modificam o espaço, estes se tornam um “el dourado” para povos que residem em lugares com ausência de motivações econômicas capitalistas.

Para Haesbaert (2007) o território das vivências é sempre múltiplo, diverso e complexo, ao contrário do território na visão do Estado assentado na lógica capitalista. Ainda na concepção do autor, territorialidades dizem respeito a uma dimensão política, econômica e cultural, expondo como acontece a relação de determinados povos em outras terras, como eles organizam seus novos espaços e dão significados.

A metodologia utilizada respalda-se na abordagem qualitativa, sendo amplamente

utilizado o procedimento da observação participante, que no meu atual momento da vida, é condição obrigatória. Cruz Neto (1994, p. 54) afirma que a observação participante constitui o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, nesse processo o investigador estabelece uma relação face a face com os investigados no intuito de obter as informações e compreender os problemas/situações por eles vivenciados. Por isso, a pesquisa não é tão somente uma busca por entender o processo migratório em tela, mas também (e talvez principalmente) compreender à minha própria dinâmica de vida.

Além da observação participante utilizou-se o estudo de caso, levando em consideração que é uma abordagem que abarca uma série de fatores que contribuirão para conhecer melhor o caso do Ingá e suas concepções acerca da migração ocorrente de seu território, porque esta técnica possui como uma das características principais

representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social: o objeto ou situação estudados podem suscitar opiniões divergentes, o pesquisador vai procurar trazer para o estudo essa divergência de opiniões, revelando ainda o seu próprio ponto de vista sobre a questão. [...] O pressuposto que fundamenta essa orientação é o de que a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma única que seja a mais verdadeira (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 20).

Portanto, em um estudo de caso o investigador poderá coletar os dados de que precisa a partir de uma variedade de fontes de informação, ou seja, é capaz de recolher as informações baseado em diferentes tipos de informantes e em situações variadas. Como recurso utilizei também a entrevista semi-estruturada para que o foco seja mantido e ao mesmo tempo para que os sujeitos possam discorrer abertamente sobre o assunto.

Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa possuem idade entre 22 a 55 anos, com escolaridade básica, e que residem em Blumenau e região entre 6 meses e 30 anos. Dessa forma foi possível identificar as primeiras migrações do município de Ingá para Blumenau e identificar também a construção da rede migratória inicial, sendo estendida também para novas realidades de migrações que continuam ocorrendo, inclusive a minha própria experiência. Foram entrevistados 10 indivíduos para a realização dessa pesquisa.

A fundamentação teórico-metodológica está baseada nos seguintes autores: Haesbaert (1997, 1999), Soares (2009), Raffestin (1992), Souza (1995), Videira (2005), Souza (2006) entre outros tantos autores que contribuíram para a construção da minha linha de raciocínio acerca da temática abordada.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em dois capítulos a respeito dessa temática. Inicialmente, a pesquisa se focou no diálogo acerca da noção de território, territorialização para fundamentar os motivos que levaram os ingaenses a buscarem novas oportunidades de trabalho em Santa Catarina.

No segundo capítulo, analisou-se mais especificamente a formação da rede migratória entre Ingá e Blumenau, e as experiências de cada sujeito ao migrar e para finalizar

analisamos como os migrantes exercem sua identidade nesse novo território. E as considerações finais, onde trago minhas observações finais sobre os capítulos trabalhados.

Capítulo 1 – O Viver no Movimento

Só Deus sabe o quanto sofre um nordestino
Que vê seu sonho de menino
Se acabando pelo ar

Ele sofre quando tem que ir embora
A família toda chora
Mas não pode mais ficar

Entra no ônibus de coração partido
Sabe que vai ser sofrido
O mundo da desilusão (Francis Lopes)

Esse trecho da composição de Francis Lopes foi escolhido pelos Ingaenses em um grupo no aplicativo WhatsApp de ingenses que residem em alguns municípios do Estado de Santa Catarina, para eles esse poema representa todo o sentimento não dito na hora da partida.

Neste capítulo vamos buscar realizar uma análise dos aspectos que levam paraibanos da cidade do Ingá, a deixarem seu município e emigrarem para o Estado de Santa Catarina especificamente na cidade de Blumenau e municípios circunvizinhos. Para isso abordarei um resumo da cidade de Ingá – PB. A partir da compreensão geográfica deste município vamos entender alguns aspectos que contribuem para a migração de seus cidadãos.

1.1 O MOTIVO DA PARTIDA

A cidade do Ingá, fica localizada na mesorregião do Agreste Paraibano, segundo a regionalização anterior do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Atualmente, Ingá se encontra na Região Geográfica Intermediária de Campina Grande, que constitui parte da nova divisão regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias, definida pelo IBGE a partir de 2017. O município tem uma população de aproximadamente 18.180, dos quais apenas 11% da população trabalha no município com uma renda média de 1,5 salário mínimo, levando em consideração que apenas uma pequena porcentagem da população trabalha e consegue residir no município, a outra parcela que constitui a cidade se locomove para cidades circunvizinhas para conseguir se manter em sua própria região.

Essa falta de possibilidades de emprego na cidade, de acordo com alguns entrevistados, é o que leva parte da população a deixar o município como afirmam alguns migrantes que residem em Blumenau. A seguir apresentarei três relatos de períodos temporais distintos, o

primeiro deles Fernando¹ não mora mais em Blumenau, mas sim em Balneário Camboriú o mesmo reside em Santa Catarina a mais de 30 anos, e relata que

“Eu trabalhava no Ingá em um trailer de comida, mas pagava muito pouco, então liguei para meu amigo Beto, disse que precisava trabalhar e seguir minha vida, vim com um amigo meu estou a 28 anos aqui, morei 2 anos em Blumenau e vim para Balneário. Vim porque queria uma maior liberdade financeira e de fato melhorou.”

O segundo entrevistado, Silvio reside em Blumenau há quase 5 anos, trabalha na construção civil, ele relata que:

“Eu sempre trabalhei na construção civil, em obras, no Ingá nunca trabalhei de carteira assinada sempre de bico não tinha muita oportunidade para pedreiro, quando conseguia algo com carteira assinada era sempre em outras cidades, em João Pessoa, Campina Grande, até em Recife eu trabalhei. Então chegou um momento que eu tava desempregado e meu irmão já morava aqui em Blumenau, falei com ele e vim, aqui consegui emprego na construção civil e estou a 5 anos.”

A falta de oportunidade de emprego na cidade é exposta por outros migrantes da cidade, como é o caso de Kelven, recém chegado em Blumenau que afirma que até tentou outros meios de ficar na cidade, porém não teve êxito:

“Eu Trabalhava na Alpargatas, quando a fabrica saiu da cidade eu tentei abrir uma loja de roupas online, investi todo meu dinheiro, mas acabou que não deu muito certo. Então falei com meu irmão que morava aqui na cidade e vim embora, quando cheguei falei com um amigo meu que é chefe de cozinha em um restaurante e em menos de um mês eu estava trabalhando.”

O movimento do ser humano esteve e ainda está presente no cotidiano de alguns, o fator histórico, geográfico, econômico e cultural sempre se fez presente na decisão daqueles que escolhem deixar seu lugar de origem em busca de melhores condições, Romeu (2006.p.16) expõe que:

O movimento, aparentemente, não é uma tendência do ser humano, mas sempre que as dificuldades assolam a vida humana uma possibilidade quase sempre presente é a fuga do lugar que as apresenta. Tal afirmação parece ser universal, tendo em vista que, ainda hoje, o sonho de deixar a pobreza, a calamidade, as recorrentes privações levaram e levam muitas pessoas a deixar seus lugares de origem. Num mundo onde as comunicações e os transportes, cada dia mais velozes, levam pessoas e discursos a circular o mundo rapidamente, percebemos, por meio de um contraste cada vez menos matizado, as diferenças econômicas e sociais (ROMEY, 2006. p. 16)

¹ Para preservar a identidade dos entrevistados todos os nomes utilizados nesse trabalho são nomes fictícios.

Partindo da análise destes relatos podemos compreender que uma parte da população que migra para Santa Catarina são trabalhadores periféricos, que sobreviviam na cidade com cerca de um salário mínimo isso quando conseguiam trabalhos em cidades próximas, quando não, viviam de pequenas oportunidades que apareciam, como é o caso do Silvio.

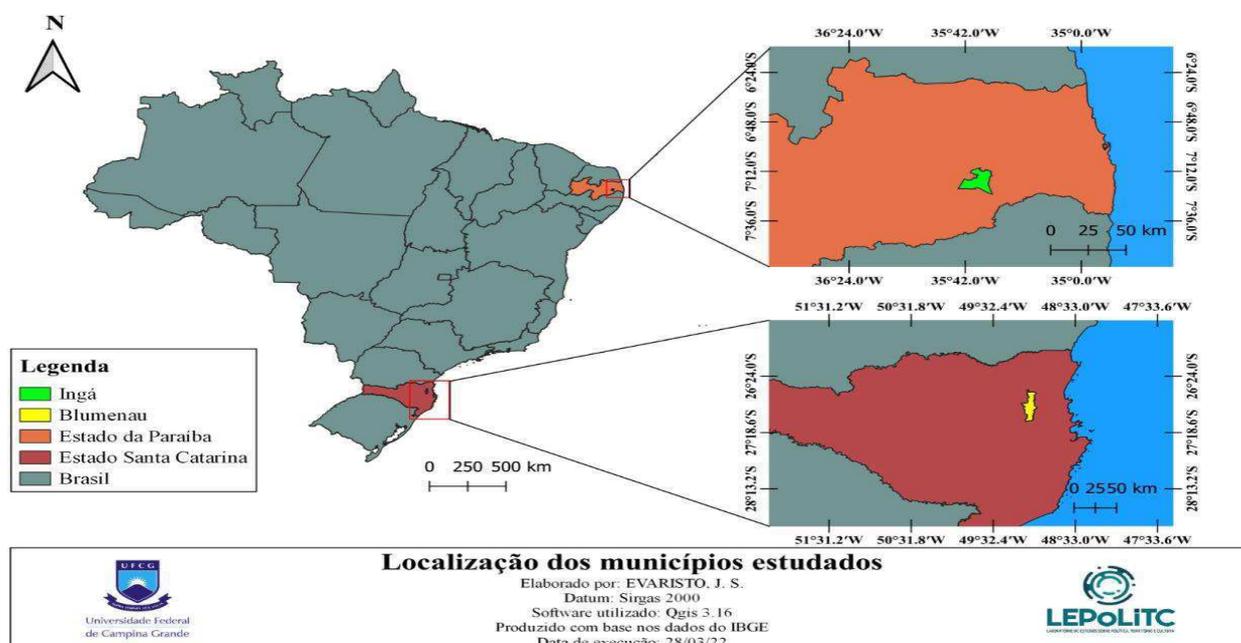
Diante dessas afirmações podemos sintetizar que o principal, senão o único motivo para a migração dos ingaenses é a necessidade de trabalho, renda e qualidade de vida.

1.2 A TERRITORIALIDADE DO INGAENSE EM BLUMENAU

Para compreendermos os processos que acarretam com a migração e todo os processos socio-territoriais que traz ao indivíduo recém chegado, aprofundi meus estudos em uma investigação acerca do próprio conceito de territorialidade.

Tal conceito se torna necessário, uma vez que esta noção aparece a todo momento no relato dos migrantes. De tal modo que, a compreensão do sentido da territorialidade para os migrantes ingaenses, se tornará mais evidente após o entendimento acerca dos motivos que levam a escolha de Blumenau e cidades circunvizinhas de Santa Catarina serem vistas como focos principais no que diz respeito ao trabalho para os sujeitos entrevistados. Para isso no próximo parágrafo abordarei informações sobre a região e suas principais demandas econômicas.

Mapa 1 Localização dos municípios de Ingá-PB e Blumenau-SC



Fonte: Elaborado por EVARISTO, J.S (2022), base de dados IBGE.

Blumenau é uma cidade localizada no vale do Itajaí, que está dividido em três regiões: Alto vale, que fazem partes as cidades de Rio do Sul, Ituporanga, Ibirama e Taió; Médio Vale, onde se localizam as cidades de Blumenau, Brusque, Gaspar, Indaial, Timbó e Pomerode e; Baixo Vale, com as cidades Itajaí, Balneário Camboriú, Navegantes e Itapema.

Blumenau foi a sexta cidade de todo o vale que mais ofereceu oportunidades de novos empregos, a cidade também tem como destaque sua indústria têxtil, empresas de informática. A cidade também tem como atrativo cultural e turismo, as festas e bares que enfatizam os costumes dos imigrantes europeus. Logo a cidade transforma-se num atrativo socioeconômico para aqueles que pretendem migrar.

Como exposto o Vale do Itajaí conta com importantes cidades, dentre elas Blumenau, que tem ganhado destaque no que diz respeito a geração de empregos. Recentemente com a retomada dos investimentos iniciada no ano de 2021 e a diminuição das restrições causadas pela COVID-19, devido a vacinação da sociedade, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED² informa que 8.186 novos postos de trabalho foram criados só no ano de 2021, estes resultados superam os anos anteriores entre 2017 à 2020.

Com base nesses dados e com as informações pertinentes que foi apresentada, a territorialização de pessoas vindas de outras regiões torna-se compreensível. Particularmente me volto para a territorialização dos ingaenses em Blumenau e regiões circunvizinhas. Nesse sentido se faz necessário entender o conceito de território e territorialização.

Um território numa visão geográfica é um espaço delimitado que vivem povos específicos que constroem relações diversas, relações que são definidas “por e a partir das relações de poder” (SOUZA, 2015, p. 78?). Poder neste sentido ocorre na construção de laços, influências, significados, e apropriação de um determinado povo sobre o espaço.

O conceito de território foi compreendido e interpretado ao longo das décadas de diversas maneiras, por diversos geógrafos, historiadores e sociólogos, por exemplo, para Sack *apud* Haesbaert (1997. p. 36) o território se determina através de uma dimensão política, os limites e as fronteiras definem até onde pode ir sua territorialidade, as fronteiras são utilizadas para afetar comportamentos e controlar seus acessos, segundo ele

circunscrever coisas num espaço ou num mapa (...) identifica lugares, áreas ou regiões no sentido comum, mas não cria em si mesmo um território. Esta delimitação se torna um território somente quando suas fronteiras são utilizadas para afetar o comportamento através do controle do acesso (SACK *apud* HAESBAERT, 1997. p. 19).

Haesbaert (1999. p. 36) buscando ampliar o raciocínio do autor afirma que a fronteira

² O CAGED mede também os empregos informais, diferentemente da “Pesquisa Nacional de Emprego” do IBGE. Neste sentido, parece ser mais adequado utilizar a pesquisa do CAGED porque grande parte dos trabalhos de imigrantes estão relacionadas às atividades temporárias e trabalhos informais.

quando atribuída de significados, pode reforçar e legitimar a identidade territorial de um determinado grupo, extrapolando a dimensão política do território, ele afirma que

Ampliando esse raciocínio, poderíamos dizer que, se a fronteira indica ao mesmo tempo o fechamento e a extroversão, a classificação proporcionada por esses recortes espaciais, através da atribuição de significados ao espaço, pode reforçar, legitimar ou dar forma a identidades territoriais específicas, o que extrapola o caráter político do território, tão enfatizado pelo autor (HAESBAERT, 1999. p. 36)

Para Haesbaert (1999. p. 3) os homens, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem (visão mais subjetiva) e ao se apropriarem ou, em outras palavras, cercarem este espaço (visão mais objetiva), constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território. Souza (2013) dialoga com Haesbaert (1999) ao afirmar que territórios existem nas mais diversas escalas espaciais e temporais sendo construídos e desconstruídos de acordo com a dinâmica que ocorre naquele contexto, ou seja o território precisa expandir e ser visto não como um espaço concreto em si, mas como um campo de forças que as relações de poder operam sobre este espaço determinando um tipo de território.

Partindo dessas concepções acerca do território, nota-se que ele nada mais é do que a apropriação e a adaptação do sujeito naquele novo ambiente, definindo sua relação de poder. Ainda na concepção de território se faz necessário o diálogo com Saquet (2007), que afirma que território possui duas funções importantes, a primeira pode ser compreendida como forma de abrigo, segurança. Enquanto a segunda possui a função de servir como um trampolim para oportunidades, em outras palavras, é um local utilizado como meio de investimento econômico, de trabalho. Dessa forma ele ainda complementa que o território pode assumir distintos significados para diferentes sociedades ou grupos sociais dominantes.

Raffestin (1993), outro importante geógrafo que se dedicou a problematização deste conceito, afirma que a territorialidade advém do conjunto de construções e relações coletivas e de seu indivíduo, essa territorialidade definida como “o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos”.

Essas interações ocorrem no espaço e a partir delas e dos significados que determinado povo constroem sobre ele é criado o território, a inter-relação da sociedade ocorre através de redes, circuitos e fluxos, o poder exalado através destas formas de relacionamento transformam a todo instante o território como afirma Videira

As interações sócio-territoriais são realizadas através das redes, circuitos e fluxos. A territorialidade é definida por uma rede de relações nas quais a informação é transmitida e reproduzida. Essas redes, circuitos e fluxos cimentam as instituições e relações. O poder, assim, organiza e reorganiza os distintos recortes espaciais, indo assim ao encontro da tese de Raffestin (1993),

para quem a implantação das redes estão constantemente transformando o território, sendo elas resultantes de jogos multilaterais e expressão de poder Videira, 2005. p. 425)

Entende-se a partir destas afirmações acerca do conceito de território que com o avanço da sociedade e os surgimentos de novas tecnologias mudaram a forma de se relacionar com o espaço, as fronteiras tornam-se mais flexíveis, o território transformar-se e se configura através de suas conexões, concordando com Videira

É óbvio que o território não deve ser trabalhado apenas no sentido clássico, o qual fundamentou e legitimou o território dos Estados-Nação por longa data, hoje ele recebe novas conotações e são redefinidos levando em consideração as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais postas desde o fim de século XX. As fronteiras hoje são mais flexíveis, fruto de uma lógica que imprime ao espaço um caráter de intensos fluxos. O lugar como espaço de fronteiras bem demarcadas cede a vez a um lugar de conexões. Uma afirmação desse nível, que nega conceitos históricos que balizam as várias interpretações para conhecimento da realidade, deve, antes, lembrar que todo conceito, embora tenha uma validade temporal, não se extingue, mas ganha novas formas e conteúdos nas análises (VIDEIRA, 2005. p. 426.)

A territorialização segundo Raffestin *Apud* Haesbaert (1999) ocorre no campo do poder, bem como o território, não se designa apenas a dominação física, mas o imaterial e o simbolismo também fazem parte deste domínio. Essa apropriação do espaço por determinados grupos gera sua territorialização. A partir desta concepção concordamos com Haesbaert compreendendo que o território

deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva, (Haesbaert,1997.p.41)

Logo, toda essa apropriação que ocorre com o indivíduo no espaço na sociedade contemporânea, ocorre por meio de uma territorialização em rede, denominamos então o território moderno como território-rede, como afirma Haesbaert

Historicamente, podemos encontrar desde os territórios mais tradicionais, numa relação quase biunívoca entre identidade cultural e controle sobre o seu espaço, de fronteiras geralmente bem definidas, até os territórios-rede modernos, muitas vezes com uma coesão/identidade cultural muito débil, simples patamar administrativo dentro de uma ampla hierarquia econômica mundialmente integrada.

Entendendo território como um espaço de coesão de identidades e culturas, construído a partir de povos que exercem uma força que modifica esse espaço “territorialização”. Os ingaenses migrantes exercem sua territorialização a partir de espaços através de uma dominação

econômica “restaurantes, bares” e cultural “lugares” onde encontram outros ingaenses.

Retornando aos ingaenses, territorializados em Blumenau e adjacências fica perceptível que a permanência destes na cidade e sua territorialização ocorre através de uma rede que mais adiante trataremos, que os possibilita dominar e influenciar um setor específico da economia, como é o caso dos restaurantes e bares.

CAPÍTULO 2 – A TRAJETORIA DO MIGRANTE E A REDE DE MIGRAÇÃO

Neste capítulo, vamos compreender as trajetórias dos migrantes na cidade de Blumenau, como ocorreram suas adaptações, como foi construído e consolidado essa rede migratória entre essas duas cidades e como conseguem expressar suas identidades no território de migração.

As migrações ocorrem através de redes sociais, que são formadas num sistema de relações e posições. Estas têm o papel de garantir emprego, moradia e comida por um determinado tempo aos que chegam. Como afirma Soares que

(...)as migrações realizam-se através das redes sociais, que as redes sociais facultam a compreensão do processo migratório em sua totalidade, pois conferem visibilidade às relações pessoais no esquema origem-travessia-destino, que essas redes podem ser formalizadas através de um sistema de relações e posições, cuja configuração consiste em pontos (formalmente, vértices ou nós) de origem e destino e em canais e trajetórias de deslocamento (formalmente, arcos ou laços) definidores de estruturas padronizadas e integradas da natureza topológica dos deslocamentos empíricos(...) (SOARES 2009.P.47)

Conforme demonstra os autores, ao iniciar os primeiros diálogos com os migrantes, ficou perceptível para mim que ocorre uma articulação inicial dos que pretendem migrar para a cidade com os que já residem nela “origem-travessia-destino”. A partir da chegada ao território de migração o migrante inicia outro processo, entrar em contato com todos os conhecidos que estão na cidade, por vezes o contato que recebe apresenta-lhes outros conhecidos, este tipo de relação humana é construído através de redes sociais, que podem se manifestar de várias formas relacionais, assim o migrante recém chegado vai ter diversas pessoas para indicar um emprego, também existe aqueles que já chegam na cidade com um emprego acertado.

Quanto mais conterrâneos se conhece e se encontra no novo território cria-se o que se conhece como capital social, explicitado logo adiante, este torna-se um estratégico que facilitam a ação na rede. Esse capital depende da posição de alguns sujeitos na rede e não é mantido por uma única pessoa, mas sim por todos que compõem a rede e ocupam uma posição privilegiada ou não, Soares (2009. p.51) deixa explícito a importância deste capital, quando expõe sua análise:

A análise do capital social, consoante à perspectiva relacional, sugere que as posições estruturais ocupadas pelos atores individuais e coletivos numa rede são em si mesmas recursos estratégicos que podem facilitar determinado curso de ação e constranger outros. O capital social, como propriedade da estrutura social, depende das disposições estruturais dos atores e das relações por eles estabelecidas nas redes; não pode, todavia, ser produzido e mantido individualmente, pois às conexões existentes entre as diferentes posições ocupadas pelos diversos atores reticulares está ele, capital, subordinado. Dessa forma, o capital social passa a ser entendido como o conjunto de recursos materiais e simbólicos inseridos na rede social e os posicionamentos nessa mesma rede.

Este trecho me faz pensar na posição de Diego, 31 anos, na estrutura da rede, ele exerce a função de chefe de cozinha do Restaurante 1 este localizado no centro da cidade, onde desempenha um papel de preferência aos Ingaenses que lá chegam em busca de empregos, ao dialogar com ele, o mesmo afirma que

“Olha eu sempre procuro dar oportunidade àqueles da minha cidade que gostam de trabalhar, não pode me dar trabalho, o salário aqui é muito bom, porém a gente aqui trabalha quase todos os dias, então quando chega alguém conhecido da minha cidade eu pergunto logo se ele está disposto, não pode ter medo de trabalhar, hoje graças a Deus depois de muito tempo de trabalho aqui, ganhei uma posição de destaque, mas tive que aguentar, nunca desisti. Antes o chefe de cozinha daqui era uma pessoa estudada e o patrão tinha muita confiança nele eu com o passar do tempo fui pegando a prática, tudo que ele fazia eu observava e aprendia, até que um dia esse funcionário vacilou e foi colocado pra fora o patrão veio me perguntar se eu iria me garantir como chefe e eu disse à ele que sim e hoje sou alguém da confiança dele, toda a carta de comida do restaurante foi eu que montei, minha equipe da cozinha eu montei.”

A partir da fala do entrevistado vale levantar a seguinte hipótese. Se por um lado, para o migrante é uma conquista enorme ser empregado numa posição de pessoas que são escolarizadas, por outro, mostra que há uma precarização do trabalho onde o mesmo ocupa uma cargo de um outro sujeito que segundo o entrevistado era capacitado para exercer essa função. Como migrante trabalhei alguns dias neste restaurante e uma coisa que me chamou a atenção é a jornada de trabalho deste funcionário, por vezes encontrei ele em diversos horários, iniciando de manhã e saindo apenas no final da noite. Este não é um caso isolado, como percebemos com o entrevistado Raul:

Olha, trabalhei no Ingá, com o gás, cheguei em Blumenau em 2002, lá trabalhei de garçom, depois fui pra Balneário Camboriú, onde trabalhei no barco pirata e mais uma vez entregando gás. Quando vim para São Bento do Sul, conheci algumas pessoas e mais uma vez voltei a trabalhar entregando gás. O dono da empresa me incentivou a abrir CNPJ e abrir minha própria empresa para distribuir gás na cidade, e me deu todo o suporte, comprou um carro para mim, o qual dividi em várias prestações. Hoje tenho minha própria empresa de gás aqui em São Bento do Sul, e só tenho a mim como funcionário.

Percebemos aqui uma possível precarização do trabalho do migrante, não são casos

isolados, na situação citada anteriormente o sujeito é incentivado a abrir uma empresa própria, ou seja, o dono da distribuidora, a qual Raul trabalhava, influenciando-o a abrir sua própria empresa, de modo que ele (dono da distribuidora) oferece o produto e consegue a distribuição de forma indireta sem custos com um funcionário fixo.

Outro fato que deve ser exposto aqui, é sobre os preconceitos que o migrante recebe ao longo de sua jornada em Santa Catarina, podemos observar na fala da Vansessa 26 anos, trabalha como farmacêutica e residente em Blumenau à 4 anos, ela afirma que.

“Olha eu vim para Blumenau por causa do salário, na Paraíba um farmacêutico não recebe tão bem quanto aqui, minha estadia aqui é complicada mulher, negra e nordestina, no meu trabalha, por exemplo, pelo menos uma vez na semana eu encontro um cliente que eu tento atender e ele se recusa, eles me olham e falam prefiro ser atendido por outro funcionário, mas não existe motivo para isso que não seja preconceito, pois o mesmo atendimento que outra pessoa vai prestar eu também iria, fora o olhar, antes de me recusarem eles me olham dos pés a cabeça e eu sinto que é um olhar preconceituoso, mas vai falar o que? Preciso do meu trabalho então deixo sempre passar.”

Vale salientar que, não existe o controle de um único sujeito da rede, mas um conjunto de relações e oportunidades geradas pela própria relação entre sujeitos com expectativas semelhantes, logo o sujeito mesmo ocupando uma posição de destaque, no caso do Diego, chefe de cozinha, de nada valeria essa posição se ele não se reconhecesse como parte de uma comunidade, no caso, paraibano da cidade do Ingá.

Outro exemplo deste reconhecimento ocorre através do Branco, um dos primeiros migrantes da cidade do Ingá a se instalar em Blumenau, entretanto, hoje ele reside na cidade de Balneário Camboriú. A fala dele ilustra sua condição.

“Eu trabalhava no Ingá em um trailer de comida, mas pagava muito pouco, então liguei para meu amigo José, disse que precisava trabalhar e seguir minha vida, vim com um amigo meu. Estou há 28 anos aqui, morei 2 anos em Blumenau e vim para Balneário. Vim porque queria uma maior liberdade financeira e de fato melhorou. Quando eu cheguei aqui, já moravam o José e Devanir, quando cheguei já tinha casa e trabalho. No início eu trabalhava na copa, lavando louça e acabei me especializando e hoje sou pizzaiolo, assim como o José que é cozinheiro e estou nessa profissão até hoje, já tenho minha casa. Ajudamos muitos conterrâneos ao virem pra Santa Catarina eles vinham e moravam com a gente. Olha uma vez eu trouxe meu irmão e não tinha emprego então eu sai do meu emprego e deixei

ele no meu lugar, ele trabalha lá há 19 anos. A gente quando chegou trazia todo mundo que queria trabalhar, chegamos a morar em uma casa com 21 paraibanos, essa casa tinha apenas 2 quartos e um banheiro. Olha você tomou conhecimento do rapaz do Ingá que caiu de moto aí em Blumenau? A mãe dele falou comigo, disse que não tinha condições de vir cuidar do filho que estava internado, então eu falei com os meninos e todo mundo contribuiu, juntamos 5.000 Reais e mandamos pra ela vir, ela ainda está aqui com o filho.”

Deve-se dar importância a fala do entrevistado ao citar o tempo de migração para Santa Catarina, o mesmo afirma que desde 1994 ele reside no Estado, e essa migração ocorreu por ajuda de um amigo que já residia no local.

Logo esse reconhecimento como migrante de uma comunidade estranha ao território advém e esse predileção aos conterrâneos ocorre, no caso de Branco foi um dos primeiros a vir para Santa Catarina e se reconhece no seu modo de agir como sujeito que deve agir em prol dos conterrâneos. Soares mais uma vez salienta como ocorre a participação do indivíduo na rede migratória

Assim, tanto a estrutura quanto os indivíduos não podem, isoladamente, exercer o controle efetivo e independente do capital social, pois ele não se acumula na estrutura ou nos indivíduos de forma independente. Não basta que o ator ocupe uma posição estruturalmente favorável ou privilegiada; é necessário também que ele identifique as expectativas recíprocas dos atores que se relacionam na rede, para daí avaliar a predisposição deles acerca de determinada ação instrumental. Torna-se evidente, afinal, que os mecanismos de fechamento da rede e os buracos estruturais¹⁶ atuam de forma coordenada, em associação com os recursos disseminados na estrutura e as expectativas, instrumentais e expressivas, dos diversos atores. (SOARES. p.52)

O processo que me possibilitou encontrar os primeiros migrantes que chegaram em Blumenau ocorreu da seguinte forma, a partir das entrevistas obtidas pelos ingaenses foi pedido para cada fornecer um nome de um conterrâneo que já residia nos arredores antes de sua chegada, essa técnica proporcionou encontrar os primeiros que possivelmente chegaram, cabe aqui uma singela homenagem a Devanir, citado anteriormente pelo entrevistado, ele que segundo alguns foi o primeiro a vir para Blumenau e a partir dele muitos outros, infelizmente ele veio a falecer.

Outro ponto importante da rede de migrante Ingá-Blumenau são os agentes externos que de certa forma ajudam a manter a rede, alguns migrantes sem um capital financeiro necessário para conseguir viajar acabam sendo ajudados por pessoas que estão na cidade do Ingá, vereadores, comerciantes, conhecidos entre outros. Existe também pessoas que trabalham unicamente trazendo pessoas do Ingá para Blumenau, viagens alternativas, que saem mais barato que as passagens tradicionais de ônibus e avião, ainda possibilitando o migrante de trazer alguns objetos de sua residência. Identifiquei três personagens que trabalham unicamente com essa rota, um deles expõe que

“Olha faz 9 anos que trabalho com essa rota de pessoa que saem do Ingá com destino a Santa Catarina, a maioria deles vão para Blumenau, mas já teve caso que levei gente para Florianópolis, Balneário Camboriú, Gaspar, Itajaí. Geralmente as pessoas que buscam os meus serviços são famílias, porque sai mais barato no papel eles irem de carro comigo ou com os meninos. A gente cobra um pouco a mais que a passagem de avião, porem a gente já leva os moveis da casa, tv, geladeira, sofás, ou seja, fazemos o pacote completo, então sai mais em conta.”

Através do diálogo com alguns entrevistados percebe-se que de certa forma o município de Ingá se beneficia com remessas de migrantes para os familiares, contribuindo para “aquecer” a economia do município. Levando em consideração a afirmação do entrevistado, percebemos que existem agentes que lucram com essa mobilidade, uma vez que tramitam entre os estados levando e trazendo bens materiais e sujeitos.

2.1 APROPRIAÇÃO E IDENTIDADE

A apropriação e os significados atribuídos a determinados lugares de Blumenau pelos paraibanos Ingaenses fazem com que estes sejam partes de sua identidade como nordestinos, ou seja, momentos em determinados lugares que foram atribuídos valores, fazendo com que estes lugares se tornem símbolos de sua nordestinidade é o que afirma Moura e Bahl

A aproximação e a apropriação dos espaços pelos indivíduos fazem com que estes passem a ser dotados de valor, tornando-se próximos e significativos de algum modo. Tal fato faz com que um lugar ganhe a expressão de suas partes ou mais ainda, faz com que os lugares se transformem em símbolos de um território, que por sua vez, tem a capacidade de agrupar muitos lugares. (MOURA, BAHL. p. 2)

Nestes lugares os sujeitos paraibanos não se sentem diferentes, espaços criados através da rede de relacionamentos, então para analisar a identidade dos indivíduos paraibanos em Blumenau e região foi preciso analisar estes lugares, estes que fazem parte do imaginário dos que o constroem. Assim sendo, organizam-se modos pelos quais os indivíduos interagem entre si, criando círculos de convivência no espaço habitado, onde cada indivíduo ou grupo vai exercer o controle sobre o território, ou seja, sua territorialidade. (MOURA, BAHL. p. 4).

Estes lugares apresentados pelos migrantes são diversos, o bar de um ingaense no final da tarde pós expediente é um importante lugar de encontro dos paraibanos. O proprietário do bar afirma que

“Olha, aqui os meninos vêm sempre no final da tarde, sempre passam por aqui antes de irem pra casa, em dia de domingo mesmo, quando tem jogo chega a ter no bar 30 pessoas da Paraíba a maioria do Ingá,

as vezes eu fecho a porta do bar pra não entrar mais ninguém e eles ficam aqui até mais tarde, fazendo churrasco e bebendo. O dia bom daqui é sempre o domingo, a maioria estão de folga e outros folgam na segunda então aqui eles sempre vêm.”

O Bar 1, torna-se um ponto de construção da identidade dos migrantes nordestinos, ondem podem expressar sua territorialidade e identidade sem a presença de um estranho, ondem podem relacionar-se com sua identidade ingaense se fazendo presente no território, através de seu domínio.

Outro momento importante de expressão da identidade é o futebol e o futevôlei, em diversos momentos desde a minha chegada fui convidado por muitos ingaenses para participar do que chama de racha, expressão utilizada para praticar o futebol. Quando aceitei o convite percebi que todo o time era composto por pessoas da cidade do Ingá, outro fato curioso é que todos os momentos da pratica do futebol ocorrem sempre de madrugada, a partir das 1h da manhã, horário que todos saem dos empregos e praticam esse lazer. Como conta Thiago

“Agente sempre joga com a turma do Ingá, essa ideia veio do Matheus já fazem 5 anos deste time, então como têm muita gente da nossa cidade por aqui a gente foi chamando, é bom porque a gente revê o pessoal, sempre que chega alguém novo a gente convida, a maioria dos jogos ocorrem de madrugada porque é o horário que a galera sai do trabalho, às vezes no domingo de manhã os meninos se reúnem pra jogar um futevôlei lá no Ramiro.”

Este tipo de relação nos espaços da cidade, expõem mais uma vez a territorialidade e identidade dos migrantes, no momento que criam atividades para estarem juntos, com seus iguais, é concientemente uma disputa pelo domínio do espaço, construindo sua identidade como afirma Bahl e Moura:

Estas novas territorialidades acabam por formar um espaço de relações no imaginário dos moradores da cidade, permanentes ou migrantes, que se cristalizam no âmbito das relações sociais. Tomando como base os conceitos de Bourdieu (1996) sobre campo e habitus, pode-se notar que o panorama da cidade caracteriza uma luta pelo domínio de um território. O estabelecimento de um espaço de relações remete a considerar os imaginários que se situam nos relacionamentos interpessoais (BAHL, MOURA, p.11).

Vale ressaltar que mesmo com a territorialização do migrante em novos lugares, a identidade do lugar de origem, sua territorialidade nunca deixa de existir no inconsciente e consciente do sujeito, aquele que migra demonstra em sua maioria a vontade do retorno, este podendo ser definitivo ou temporário conforme a situação econômica do migrante, como um dos entrevistados que reside em São Bento do Sul, residente no Estado de Santa Catarina a partir do ano de 2002, vamos chamá-lo de Raul:

Eu sai do Ingá quando eu completei 18 anos, e cheguei em Blumenau para morar com meu tio, o tempo passou, conheci uma mulher em Balneário quando eu trabalhava no návio pirata e como ela era de São Bento, decidimos morar aqui para ficarmos mais perto da família dela, aqui não tem muita coisa para fazer, eu sou católico, sempre vou na igreja, mas no meu domingo quando posso sempre fico em casa, tomando uma cervejinha, coloco meu forró das antigas para tocar, lembro logo das festas da minha cidade. O Ingá é aquela coisa paixão, amor, família, aquela nossa região, os amigos... mas o sol machuca, não temos um empresário forte que construa uma fábrica, mas também é culpa dos moradores, você é de lá, sabe como é. Chega um vereador, um candidato a prefeito na casa das pessoas humildes com uma feira, com um saco de cimento, tijolo e o povo se vende, então como vamos mudar a realidade daquele lugar, se as pessoas de lá tem a mente pequena, tu acha que se tivesse oportunidade lá eu queria está aqui em Santa Catarina? Queria está no Ingá, vendo a velhice do meu pai, vendo a velhice da minha mãe, ver meus sobrinhos crescendo, eu trocaria tudo que eu construí até hoje, eu trocaria velho, eu não pensava nem duas vezes, se eu achasse uma lampada mágica que me desse três desejos um deles seria está no Ingá, mas infelizmente lá não têm o que fazer, prefeito rouba, vereador rouba, tu acha que eu queria ter passado 20 anos da minha vida aqui? Estou porque lá é do jeito que te falei, você sabe!

A partir da fala do Raul, percebemos que os laços, histórias e geografias que construíram sua identidade enquanto sujeito em formação constituem para ele uma perda de uma parte significativa de seus laços, momentos com familiares e amigos, seus momentos de lazer são construídos a partir de memórias de sua identidade de origem, no caso o forró, concordando com Romeu (2016):

Sair do lugar de criação, onde os laços e a história foram constituídos, para muitos, não é tarefa das mais fáceis. É certo que ao falarmos de uma saída, ir embora pode significar a concretização também de um sonho, no entanto, quando observamos o fenômeno das migrações e dos migrantes normalmente não é o que se vê. O desejo por retornar, para muitos é pulsante. (ROMEU. 2016. p.24)

Logo, compreendermos que existe uma territorialidade na mente do sujeito que foi perdida, deveria ser vivenciada, mas por forças maiores ele teve que sair de seu território e deixar de viver esses laços, concordando mais uma vez com Romeu (2016)

entendemos que, no caso dos migrantes, há um território e, por consequência, uma territorialidade que aparentemente foi perdida ou deixada de lado na migração. Contudo, não desaparece ou de imediato transforma-se, há um processo de modificação que irá ocorrer em medidas diferentes e graus variados de acordo com

cada um, a partir das suas experiências individuais (ROMEU, 2016. p. 25)

A partir das entrevistas dos migrantes, percebemos que existe uma rede bem consolidada de migrantes de Ingá em Blumenau, mesmo aqueles, me refiro aos primeiros que chegaram, mesmo não residindo mais na cidade, outrora passaram por ela. Contribuindo com o alicerce desta rede. Hoje Blumenau e cidades circunvizinhas do estado de Santa Catarina, residem em seus territórios, ingaenses, que para cá vieram em busca de melhores condições de emprego e de vida, sem nunca esquecer de onde saíram, das histórias que construíram e do que deixaram de viver, como dizia Cazuza “o tempo não para!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não pretendo aqui apresentar “conclusões finais” para um trabalho que deve ser ainda explorando com mais detalhes, pois essa minha formação inicial não me dá o arcabouço intelectual necessário para esgotá-lo, o que se segue é um desfecho para esse trabalho, sabendo que muito ainda deve ser explorado e detalhado.

A migração historicamente faz parte da realidade de muitos povos, o Nordeste é um protagonista de grandes fluxos migratórios, a cidade do Ingá segundo é ausente de meios econômicos e geográficos para evitar esse tipo de realidade, como apontou diversos entrevistados durante o trabalho.

O conceito de território, esse espaço de encontro de identidade e culturas diversas, a partir da utilização do poder, auxilia na compreensão da territorialização posta em prática pelo migrante, todos os lugares de encontro é um a forma de dominação espacial em busca de exercer sua identidade enquanto sujeito.

No caso das redes de migração foi possível identificar pontos positivos e negativos, o fato do migrante chegar em Blumenau e ter a possibilidade de ter moradia, emprego e pessoas da sua cidade, possibilita uma territorialização mais segura, todavia alguns agentes externos lucram com esse deslocamento, como alguns citaram a ajuda de vereadores por exemplo fazem com que os familiares que ficaram se sintam coagidas a votarem em determinado sujeito.

Vale salientar a possibilidade de precarização e exploração do trabalho de alguns migrantes, como alguns entrevistados relatam que ocupam cargos que outrora foram de sujeitos que eram mais classificados para o cargo, por não terem tão preparo acadêmico podem receber um salário menor do que aqueles que ocupavam este posto.

Diante deste cenário é possível identificar que a identidade de origem do migrante não

se apaga, mesmo aqueles que estão a mais de 10 anos longe de seu lugar de origem, o tempo que passou só aumenta a saudade.

Para finalizar, gostaríamos de afirmar que os motivos que levam os ingaenses a deixarem seu local de origem são diversos, o imaginário de uma nova vida é presente em seus discurso, mas na pratica observamos uma exploração do trabalho dos migrantes nas mais diversas áreas, o processo de territorialização através da rede migratória os auxilia na construção de novas identidas e a proporcionar segurança quando estão na companhia de seus iguais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. Vozes: Petrópolis, RJ. 1994. p. 51-67.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade**: um debate. Geographia, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios em trânsito**. In: BORDAS, M. A. (Org.). Geografias em movimento. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013. p. 65-81.
- LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MOURA, Neide; BAHL, Miguel A **TERRITORIALIDADE DO MIGRANTE NORDESTINO EM ARAUCÁRIA, PARANÁ (BRASIL)**. Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-16 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.
- SACK, Robert David. **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Leila Christina Dias Maristela Ferrari (organizadoras), Florianópolis: Insular, 2. ed. rev., 2013.
- SAQUET, Marcos A. As relações de poder e os significados do conceito de território. In:_____ **Abordagens e concepções sobre o território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.27-35
- SAQUET, Marcos A. O conceito de território: movimento, processualidades e multiescalaridades. In:_____ **Abordagens e concepções sobre o território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.p. 53-74
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Geografia: conceitos e temas. 18ªed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. p 77-116.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5ª edição, 2020.

SOUZA, Marcelo L. Território e (des)territorialização. In:_____ **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p.77-110

SOUZA, Marcelo José Lopes de. "O território: sobre espaço e poder." *Autonomia e* (1995).

SOUZA, Thiago Romeu de. **A RE-TERRITORIALIZAÇÃO DO RETORNADO CEARENSE: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.